

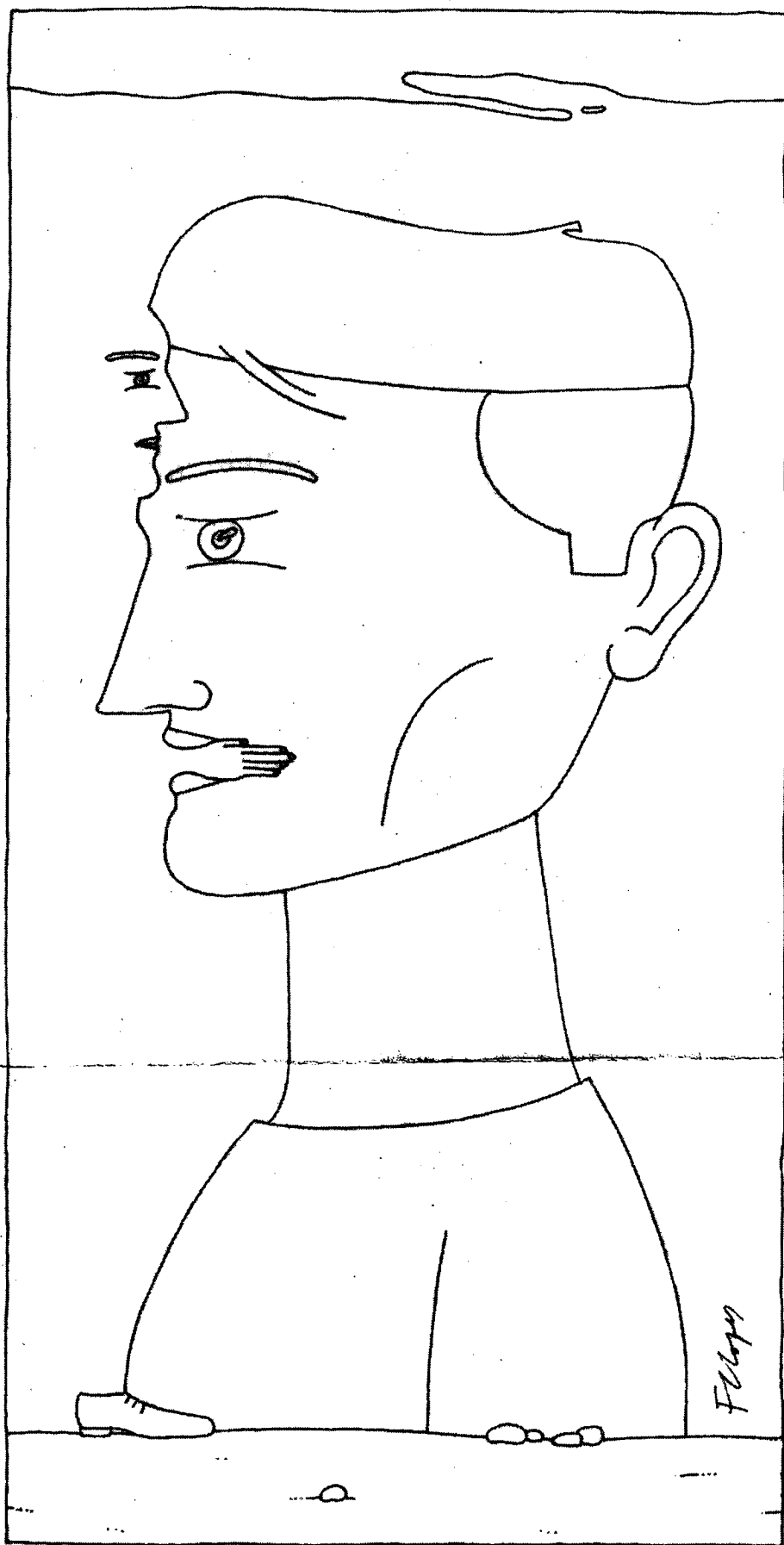
# PAS: EFEITOS E PERSPECTIVAS

João Claudio Todorov  
Denise de Aragão Costa Martins

A escola brasileira, em todos os níveis, vem se acostumando com o processo de avaliação permanente, fundado no acompanhamento das atividades cotidianas e no aperfeiçoamento contínuo dos instrumentos utilizados. A Universidade de Brasília não poderia deixar de lado a excelente oportunidade de avaliar os efeitos do Programa de Avaliação Seriada (PAS) para o ingresso nos cursos de graduação, após a divulgação dos resultados da primeira etapa do triênio 96-98.

Os numerosos efeitos do programa sobre as condições de ensino e de aprendizagem na educação média do Distrito Federal foram descritos em diversas ocasiões e podem ser resumidos em uma expressão: ênfase na aprendizagem significativa e na motivação de escolas, professores e estudantes. O mesmo ocorre dentro da UnB, quando grupos de docentes de alguma maneira engajados no programa se reúnem periodicamente para discuti-lo. Cabe comentar, aqui, alguns aspectos pedagógicos decorrentes da aplicação da primeira prova.

Com a divulgação dos resultados, por meio de boletins individuais, de quadros por escola e de gráficos gerais de desempenho, deve-se ter o extremo cuidado com a interpretação de dados. A leitura superficial dos documentos, sem dúvida alguma pode levar a distorção das informações. Por sua natureza, os veículos de divulgação impõem a síntese da infinidade de números obtidos após o exame. É necessário, portanto, ter cautela e combinar o que se tornou público com as análises qualitativas dos dados, que chegarão, com certeza, ao conhecimento das instituições e da sociedade. Um grupo de pesquisadores examina, hoje, o conjunto de informações relativas às características sócio-culturais dos candidatos e de condições de funcionamento das escolas, de modo a extrair correlações entre elas e o desempenho do estudante. Todas as conclusões serão encaminhadas à Secretaria de Educação e aos responsáveis pela condução do ensino no DF e nos demais estados. É interessante verificar que os próprios candidatos captaram a maneira correta de "ler" os resultados: a coordenação acadêmica do Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cespe) tem recebido telefonemas diários com pedidos de esclarecimentos sobre o re-



sultado individual, todos prontamente atendidos.

Sob outro enfoque, o instrumento de seleção também é objeto de criterioso estudo, ainda não concluído, embora algumas informações estejam disponíveis. A Coordenação Acadêmica do Cespe definiu, para análise da prova, o índice de discriminação, que compara os melhores desempenhos aos piores e procura identificar, pela variação de +1 a -1, a eficácia de

cada item para selecionar, realmente, os melhores candidatos. Das treze áreas que compunham a prova, três — História, Língua Inglesa e Artes Cênicas — foram plenamente satisfatórias quanto à identificação dos melhores desempenhos, sem que um único dos 25 itens de cada uma tivesse índice de discriminação negativo. Nas questões de Geografia, de Língua Francesa e de Artes Plásticas houve 24 itens com índice positivo e apenas

um negativo. Em Química, Língua Espanhola e Música somente dois itens deixaram de discriminar os candidatos. Dos cinquenta itens das questões de Língua Portuguesa, três corresponderam a índice negativo; nas de Biologia e Física, vinte discriminaram, e cinco, não. As questões de Matemática, em que onze itens se revelaram não-discriminatórios, já provocaram uma conclusão de natureza pedagógica: alguns desses itens exigem conhecimento de exponenciais e logaritmos, pontos que, sabidamente, são pouco trabalhados nos currículos do ensino médio.

Em termos mais abrangentes, o que se comprovou foi que a boa escola obtém bons resultados, independentemente da rede de ensino, pública ou privada, a que se vincula ou do método da avaliação utilizado; e que o bom aluno, aquele que valoriza a aquisição sólida de conhecimentos, que é capaz de ler criticamente e de raciocinar, na busca da solução de problemas, tem excelente desempenho.

Ainda restam muitos pontos a aperfeiçoar. A aplicação de outro índice, o de *concordância entre acertos e erros*, sempre associado às respostas em branco, revela a urgência de se refletir sobre a decisão da UnB de apenas o candidato por resposta errada (estratégia de neutralização da resposta dada ao acaso, o "chute"). Também requer cuidadoso exame a inclusão, na prova da terceira série, de questões discursivas, tão fortemente desejadas por professores das diferentes disciplinas, em lugar da redação, no modelo convencional de vestibulares e concursos públicos. Para isso, dirigentes e docentes da UnB, da Secretaria de Educação, da Fundação Educacional do Distrito Federal e das escolas particulares, lado a lado, desde a implantação do programa, contando com o apoio de setores governamentais, dedicam-se, semanalmente, à discussão do PAS, motivados tão-somente pela crença nas conseqüências indiscutivelmente positivas que se identi-

caram até agora e que vão continuar a ocorrer. Esse é um caminho sem volta. Verifica-se, aqui, um efetivo exemplo de parceria, desencadeada pela UnB e prontamente aceita pelos demais segmentos, à qual não é possível renunciar.

■ João Claudio Todorov é reitor da Universidade de Brasília

■ Denise de Aragão Costa Martins é presidente da Comissão de Acompanhamento do Programa de Avaliação Seriada (PAS)